

ÉTICA EM PESQUISA MÉDICA

Dr. Sully Isaac Urbach

Em todos os tempos, pesquisar tem sido uma das mais empolgantes aventuras do homem. Existe, certamente, uma inclinação espontânea em procurar conhecer a realidade e, apesar das inúmeras teorias que procuram justificar este procedimento, provavelmente, esta atitude pode ser considerada como uma das características da própria vida. A realidade vai-se revelando aos poucos, com o decorrer do tempo, sem que isto leve à extinção do impulso e a tendência é penetrar cada vez mais profundamente na compreensão desta realidade, o que vai exigindo técnicas mais apuradas, mais seguras, de forma a obter, diante de um objeto, a resposta mais completa, menos contestável. Admitindo, por conseguinte, que esta inclinação é inerente à natureza humana, segue-se que este é um caminho irreversível e cumpre situarmo-nos dentro desta verdade.

Não se pode negar que a pesquisa científica tem conduzido, no mínimo, a um melhor domínio da natureza, cujas forças estariam cada vez mais a serviço do bem-estar do homem. É possível, também, que o conhecimento verdadeiro da realidade tenha-se ampliado e, mesmo que assim não fosse, o prosseguimento nesta direção é uma necessidade humana irrefutável. Claro também, que podemos idealizar até certo ponto a pesquisa, dizendo que um conhecimento mais perfeito trará maior bem-estar ao homem; e se a sua densidade for suficiente, poderíamos atingir o estágio de uma felicidade completa. Também é verdade que tais justificativas poderiam ser dispensadas, interessando apenas, no final, entendermos qual é o significado do universo e qual o significado da existência do homem.

Nesta linha de pensamento, a ciência como um todo contém implicitamente um significado ético, porque se identifica profundamente com uma das vertentes fundamentais da natureza humana. Agora, por outro lado, o mesmo não se pode dizer a propósito dos caminhos escolhidos para esta

revelação científica, porque nem sempre os fins justificam os meios. Este aforismo pode ser aplicado a todo conhecimento científico em geral, mas de um modo particular ele é válido para a medicina, cujo objeto de estudo é o homem, com todas as implicações que isto encerra. É relativamente fácil admitir que qualquer processo de pesquisa, muito embora dirigido a revelar a natureza íntima do homem, em qualquer de seus aspectos mas que, ao mesmo tempo, contivesse as sementes de sua destruição, não seria aceitável. Mas, uma coisa é aceitar um princípio e outra coisa é verificar na prática, todas as implicações, mesmo as radicais, a que este princípio possa conduzir.

São conhecidas de todos as limitações inerentes às condições humanas. É conhecido, também, que, ao escolher determinado objeto para sua pesquisa, o pesquisador precisa fazer uma abstração a propósito de outros conhecimentos que mais ou menos estão fora do foco de seus interesses. E, talvez neste aspecto, resida o grande perigo a que o pesquisador se expõe, principalmente quando o faz, em torno do homem, provavelmente o mais complexo de todos os objetos do universo. Para o pesquisador na área médica, muitas vezes uma resposta simples, pode-lhe parecer muito adequada como forma de contribuição significativa para o progresso científico, esquecendo que, diante de um objeto complexo, nem sempre as respostas simples são as verdadeiras e, mais ainda, a soma de respostas simples não dá nenhuma pista para a compreensão do todo.

Infelizmente, dentro desta radicalização é que o pesquisador, na área da medicina, tem historicamente se colocado, desde que alguns pressupostos de metodologia científica foram mais ou menos dogmaticamente erigidos como os únicos caminhos diante dos quais a verdade poderia ser revelada. Mas a natureza desta verdade é, por sua vez, um encontro entre o homem-observador ou experimentador e o objeto-observado ou experimentado. Assim, por mais pura que aparentemente possa ser esta resposta, não se pode desconhecer que é sempre o resultado do encontro das características pessoais do experimentador e de todo o seu envolvimento social e cultural e o objeto estudado.

Desta maneira, até a mais limitada pesquisa no campo médico, não pode prescindir desta visão de si mesmo e do olhar que envolve todas as circunstâncias do experimento. Ora, isto exige revisões, críticas e retomadas constantes da realidade, sem o que, o fim último da pesquisa no campo médico, poderá ficar totalmente comprometido. A pesquisa médica, sem uma visão totalizante, pode, sob certos aspectos, ser comparável com o caso de uma criança que, certo dia brincando num gramado, encontrou um pequeno objeto de formas

estranhas, de colorido vivo, e que movida pela curiosidade própria das crianças, resolveu abri-lo para ver o que continha. Subitamente deu-se uma explosão e a criança morreu. O objeto era uma granada, abandonada no campo depois de algum exercício militar. A criança, não tinha condições de perceber naquele objeto senão um possível brinquedo que cumpria examinar para entender seu funcionamento mas, o adulto, pesquisador criterioso, pode muitas vezes fazer com sua pesquisa, o mesmo que a criança. Então, cedo, talvez possa perceber que todo o seu esforço tem sido vão.

No mundo atual, o pesquisador faz de conta que o seu envolvimento na pesquisa é puramente impessoal. Desconhece as suas condições como pessoa e como representante de uma sociedade e de uma cultura e pensa, ainda, estar completamente imune em suas pesquisas, às pressões que, emanadas das estruturas sociais, sobre ele atuam, no sentido de obter dele, não a revelação de uma verdade científica, mas só a das verdades que possam estar em acordo com suas bases. Ora, a sociedade e a cultura, sem dúvida, são produtos do homem. Mas, uma vez institucionalizadas, deixam de estar a serviço do homem, mas este sim, é que passa a seu serviço. Faz lembrar, de certo modo, a estória do Frankenstein. Nesta estória, também havia um cientista, que movido pelo melhor desejo de servir à ciência, resolveu reconstruir um ser humano, a partir de pedaços de outras pessoas. A coisa funcionou até que o monstro passou a dominar o seu criador, e foi necessário reunir todas as forças disponíveis para tentar destruí-lo. Não sei quantas vezes isto terá acontecido na medicina, mas penso que os exemplos são por demais numerosos para passarem despercebidos.

Começaríamos aqui, pela pesquisa no campo dos medicamentos. A idéia é conseguir produtos cada vez mais eficazes no tratamento dos distúrbios da saúde. A estrutura social é conseguir cada vez maior número de substâncias, disfarçadas sob o selo ético da pesquisa, facilmente comerciável. O resultado pode ser verificado nas prateleiras de qualquer farmácia. Tudo o que possa ser vendido está lá. Os resultados são outros problemas. Mas, os formatos, os coloridos, os sabores, as microgramas, as vantagens estão à disposição de todos os gostos. Se o problema é manter as bases estruturais de uma sociedade de consumo, no campo da farmacologia estamos bem supridos. Se os resultados terapêuticos ao menos equilibram os resultados deletérios é um problema a ser resolvido. A impressão, embora possa parecer um tanto irreverente aos apregoados sucessos da medicina medicamentosa, é que os malefícios estão muito acima dos benefícios. A ética, neste caso, ficou naturalmente como mera preocupação dos que nada têm a fazer dentro do chamado pragmatismo — que

são os filósofos. Mas será que os pesquisadores não são “éticos”? Muito pelo contrário; estão perfeitamente enquadrados nos mais sadios padrões de moralidade científica, perfeitamente equilibrados dentro de sua sociedade e cultura, faltando apenas, outro nível de crítica, justamente aquele nível crítico que apenas as outras ciências ligadas ao homem lhe poderiam dar, mas postas de lado em seu repertório, porque o seu conhecimento poderia em parte, atrapalhar os princípios científicos tradicionalmente ligados à pesquisa médica. Até no sagrado campo das drogas preventivas, das vacinas que até pouco tempo atrás eram o ponto forte e o orgulho da pesquisa, está rapidamente sucumbindo à falta de crítica reflexiva.

Em outras direções, o problema ético da pesquisa médica embora incontestavelmente aceito como idéia, na prática toma exatamente os rumos que as injunções sociais frankensteinianas lhe exigem. Técnicas cirúrgicas sofisticadas, transplantes e implantes maravilhosos que exigem equipamentos cada vez mais sofisticados, progredem em alguns centros. Ninguém está contra este progresso. Mas, quando alguém pergunta, “o que tem feito a pesquisa médica para ajudar a vida do homem?” não são estas pesquisas, as que, eticamente, podemos apresentar como resultados. Porque elas não estão sendo feitas para o homem, mas sim para uma classe de homens, justamente os menos representativos de outra e esquecida classe — a humanidade. Mas, se fizermos um balanço consciente de quais os progressos efetivamente conseguidos, o balanço ainda uma vez é muito pouco favorável à medicina. Se, ao contrário, elegêssemos certos progressos tecnológicos como representativos daquilo que a pesquisa tem realizado pela saúde, estaríamos indubitavelmente correndo o risco de afirmarmos que o resto é o secundário e, conseqüentemente, lançando as sementes da destruição daquilo que verdadeiramente é o importante, isto é, do homem que sofre porque tem de si somente a qualidade de ser humano e não os complementos que os valores sociais da época escolheram como significativos do existir humano.

A saúde mental é talvez o clímax de tudo. Aqui, a medicina se propõe pela primeira vez, tentar lidar com o homem como um complexo psicossomático. Olhou do lado e constatou o que a estrutura social dizia sobre o homem ideal para as suas diretrizes. E assim, procurou encontrar os caminhos para esta adaptação, sem se preocupar muito com outros significados que o sentido da vida pudesse encerrar. É muito mais fácil procurar no tipo de sociedade que estamos vivendo, qual seria a resposta científica aos problemas de saúde mental, do que numa verdade revelada a partir da própria compreensão do

homem. Isto porque, novamente, faltou ao pesquisador médico, a possibilidade de uma reflexão sobre o homem, através de outros horizontes de intencionalidade que, justamente, o seu tipo de formação científica impediu. Pensou no homem físico e psicológico através de um tipo de horizonte social; esqueceu das ciências que o observam sobre horizontes antropológicos, teológicos, filosóficos, metafísicos etc. A resposta oferecida, foi uma resposta moral, entendida esta última como uma escala de valores sociais, mas não uma resposta ética.

Estamos aqui novamente diante de um dos grandes problemas que acompanham a pesquisa na área da medicina. Naturalmente, a partir da observação de certos fenômenos observados, o pesquisador formula as suas hipóteses e parte para a tentativa de confirmá-las ou não, procurando estabelecer uma universalidade dentro do sistema de causa e efeito. A pesquisa algumas vezes corresponde às expectativas e as soluções são rapidamente oferecidas a um mundo que está, em primeiro lugar, ávido pela sua comercialização, porque esta é a base de sua sobrevivência e, em segundo lugar, um mundo que foi treinado a aceitar, sem muitas críticas, — porque quem o fizer, pode correr o risco de ser acusado de estar com a cabeça na lua, na melhor das hipóteses, mas de imbecil, em geral, — as conclusões de uma pesquisa científica como a mais exata das verdades possíveis. Eu me lembro de dois exemplos muito significativos: certo laboratório de pesquisas nos Estados Unidos, especializados em fenômenos de parapsicologia e, famoso no mundo inteiro pelos resultados sensacionais que alcançava, teve há pouco tempo, um dos seus mais brilhantes pesquisadores, pilhado por dois estudantes que lá estagiavam e que precisaram esconder-se no interior do laboratório, para perceber que o pesquisador, à noite, falseava os resultados de seus aparelhos. Diríamos que se tratava de uma fraude vulgar, que pode alcançar qualquer setor de atividade humana; sem dúvida, entretanto, tais resultados de “pesquisas científicas” estão de tal maneira endeusados, que este tipo de preocupação raramente passa pelo espírito de uma população cegamente treinada para aceitá-los. Tal como, uma fraude grosseira pode ocorrer numa experimentação, a própria visão do experimentador pode estar grosseiramente falsificada pelos padrões sociais e culturais vigentes. Outro exemplo, também há pouco publicado, mostrou que a diminuição da incidência de tuberculose no mundo, vinha apresentando uma curva decrescente muitos anos antes do aparecimento dos farmacos específicos para o seu controle, existindo fundamentadas dúvidas se o decréscimo atual é raramente resultado da eficácia dos tratamentos introduzidos ou um fenômeno natural, independente de qualquer nova aquisição científica. Os exemplos, com todos os defeitos que sempre têm,

não o são no sentido de uma crítica destrutiva do valor da pesquisa no campo da medicina, mas apenas um alerta, para a necessidade de o pesquisador observar que os resultados e os caminhos de sua pesquisa não podem ser confrontados apenas com os limites estreitos de seus interesses imediatos. Independentemente da posição metafísica adotada pelo pesquisador, o mínimo que se espera é que a sua pesquisa, esteja realmente a serviço do homem.

O que encontramos geralmente sob o nome de uma ética em pesquisa médica, não passa, realmente, de um código de moral médica. Todos sabem que existe uma ética do comportamento humano, assim como existe uma justiça para os atos humanos, mas a concretização desta ética, ou desta justiça, só se pode dar, concretamente, dentro de um momento histórico, segundo uma sociedade e uma cultura. De maneira que, a moral pode estar a serviço de uma sociedade até completamente desatualizada ou radicalizada e o seu exercício prático é, inclusive, um dos poderes da sociedade, mas a verdadeira ética está sempre a serviço de uma verdade mais fundamental do homem, não modificável pelo tempo ou pelo espaço. Em outras palavras, a ética só pode ser reconhecida no momento que o homem atua, mas é sempre preciso analisar sob que forças está o homem agindo.

Em resumo, o problema de uma ética para a pesquisa médica, é, muito menos, um problema de codificação do que se pode ou não fazer, mas, antes de mais nada, a necessidade que tem o pesquisador de uma visão mais global do homem, do que a visão que a ciência médica pode oferecer, exatamente porque a visão médica tem os limites estritos de determinado horizonte de intencionalidade, através do qual ela estuda o homem; e um comportamento ético em pesquisa médica, só é possível, quando justamente o pesquisador sabe somar ao seu trabalho, outros horizontes de intencionalidade. Do contrário, ele pode imaginar que a estrita observância de um código de comportamento o coloca exatamente dentro do máximo exigível, quando, na verdade, o seu desconhecimento das visões das outras ciências que estudam o homem, tem a inclinação de levá-lo, inevitavelmente, a oferecer as mais científicas soluções para o mal-estar físico, psicológico e social deste homem, embora, com todas as aparências, dentro de sua visão, de uma perfeita conformidade com o seu pretenso idealismo ético.